



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

BRÍGIDA ALVES LIMA ARAÚJO

**A ESCRITA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE DA
PERSONAGEM NEGRA EM *QUARTO DE DESPEJO*, DE CAROLINA MARIA DE
JESUS**

**CATOLÉ DO ROCHA - PB
2022**

BRÍGIDA ALVES LIMA ARAÚJO

**A ESCRITA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE DA
PERSONAGEM NEGRA EM *QUARTO DE DESPEJO*, DE CAROLINA MARIA DE
JESUS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Área de concentração: Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Fernandes de Andrade Praxedes.

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A658e Araujo, Brigida Alves Lima.

A escrita como forma de resistência: uma análise da personagem negra em quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus. [manuscrito] / Brigida Alves Lima Araujo. - 2022.

36 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Maria Fernandes de Andrade Praxedes, Coordenação do Curso de Letras - CCHA."

1. Carolina Maria de Jesus. 2. Quarto de despejo. 3. Pobreza. 4. Resistência. 5. Denúncia social. I. Título

21. ed. CDD 801.95

BRÍGIDA ALVES LIMA ARAÚJO

A ESCRITA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE DA
PERSONAGEM NEGRA EM *QUARTO DE DESPEJO*, DE CAROLINA MARIA DE
JESUS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Letras e
Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito para obtenção do título de
Licenciatura Plena em Letras.

Área de concentração: Literatura.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Fernandes
de Andrade Praxedes.

Aprovado em: 01 de dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Maria Fernandes de Andrade Praxedes
Prof^a. Dr^a. Maria Fernandes de Andrade Praxedes (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Mara Queiroz de Medeiros
Prof^a. Ms. Mara Queiroz de Medeiros
Examinadora – World University Ecumenical

Maria Karoliny Lima de Oliveira
Prof^a. Ms. Maria Karoliny Lima de Oliveira
Examinadora – Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

CATOLÉ DO ROCHA - PB
2022

Às mulheres fortes da minha vida,
minha amada mãe Josilene (*in memoriam*)
e minhas tias maternas, Josicleide, Maria
Amélia, Joseci e Josikelly, pelo carinho e
atenção. DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, que foi meu alicerce nos cinco anos de graduação e sempre me conduziu com lições de amor, sabedoria e fraternidade.

À minha mãe, Josilene Alves de Lima Araújo (*in memoriam*), que sempre me ensinou desde cedo a importância da educação, dos estudos, da boa índole, do trabalho duro e da honestidade; à minha mãe eu dedico tudo que eu fizer de bom nesta vida.

Ao meu pai, Jurandi Batista de Araújo, por ficar ao meu lado durante toda a minha graduação, me apoiando e incentivando a alcançar meu objetivo, pela paciência, amor e carinho direcionados a mim.

Às minhas tias maternas, Josicleide Alves de Lima, Maria Amélia Alves de Lima Maia, Joseci Alves de Lima e Josikelly Alves de Lima Serafim, por cuidarem de mim na ausência de minha mãe, por me incentivarem na minha graduação, me orientarem a seguir o caminho da honestidade, pelo amor, preocupação e carinho para comigo.

À minha querida prima, Catarina Alves de Lima Serafim, por ser minha amiga, me aconselhar e tornar meus dias mais alegres.

Aos colegas de trajetória acadêmica da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), os quais levarei para sempre em meu coração e que foram bons amigos, tornando os dias no campus mais felizes e alegres, em especial, Derliane, Daiane, Fabiola, Salilean, Juju e Aniclésia.

À minha querida orientadora, Maria Fernandes de Andrade Praxedes, pela dedicação, compreensão e amizade.

À minha banca examinadora, por aceitar participar de um momento tão importante na minha formação... Muito obrigada!

Por fim, a todos que me ajudaram a chegar até aqui e estimularam a continuar buscando meus projetos de vida, abraço e agradeço.

“Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá, isto é mentira! Mas, as misérias são reais” (JESUS, 2014, p. 46).

RESUMO

A literatura é a expressão artística que utiliza a palavra para manifestar a fecunda criatividade do escritor e da escritora para falar de sentimentos, ideologias e de diferentes perspectivas sociais, culturais, econômica, política, dentre outros temas. Dito isso, este trabalho analisa a figuração da personagem negra no contexto da favela e a sua escrita como uma forma de resistência em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus, atentando para os aspectos sociais presentes na narrativa. A literatura negra brasileira, afro-brasileira ou de autoria de pessoas negras, é fundamental para a cultura nacional, e por isso é necessário destacar a sua relevância quando se trata de autoria feminina, já que a mulher, evidentemente, sofreu e continua sofrendo preconceitos relacionados ao seu gênero. Com isso, buscamos entender as condições de moradia dos indivíduos das favelas brasileiras dos anos 60 e como o diário escrito por Carolina ajudou a escritora a sair da precariedade e miséria da favela do Canindé na grande São Paulo, cuja escrita é pontuada por inúmeras denúncias sociais. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico com respaldo teórico de Zolin (2009), Farias (2018), Meihy (2016), Magnabosco (2016), Fernandes (2015), dentre outros. Espera-se que este trabalho possa trazer contribuições para os estudos literários e a sociedade, uma vez que Carolina Maria de Jesus utiliza a arte para evidenciar e denunciar o preconceito, a discriminação, a fome e a desigualdade social no Brasil.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; Quarto de despejo; Pobreza; Resistência; Denúncia social.

ABSTRACT

Literature is the artistic expression that uses the word to reveal the writer's fertile creativity to talk about feelings, ideologies and different social, cultural, economic, political perspectives, among other topics. In this respect, this study analyzed the representation of the black character in the slum context and the work's writing as a form of resistance in *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960) by Carolina Maria de Jesus, paying attention to the social aspects present in the narrative. Black Brazilian literature, Afro-Brazilian or written by black people, is fundamental to the national culture. Therefore, it is necessary to emphasize its relevance when it comes to female authorship, since women, obviously, have suffered and continue to suffer prejudice related to their gender. Taking this into account, we seek to understand the living conditions of individuals in the Brazilian slums of the 1960s and how the diary written by Carolina helped the writer to leave the precariousness and misery of the Canindé slum in greater São Paulo, a writing marked by numerous social denunciations. From a methodological point of view, this is a bibliographic research with theoretical support from Zolin (2009), Farias (2018), Meihy (2016), Magnabosco (2016), Fernandes (2015), among others. It is expected that this work can bring contributions to literary studies and society, since Carolina Maria de Jesus uses art to highlight and denounce prejudice, discrimination, hunger and social inequality in Brazil.

Keywords: Carolina Maria de Jesus; Quarto de despejo; Poverty; Resistance social; Denunciation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NEGRA NO BRASIL	12
2.1 Mulheres em cena reconstruindo sua identidade	14
2.2 Carolina Maria de Jesus, histórias e contexto	17
3 <i>QUARTO DE DESPEJO</i>: DIÁRIO DE UMA FAVELADA	20
3.1 O quarto de despejo social brasileiro	23
3.2 Memórias de Carolina	26
3.3 Indignação, pobreza e marginalização	30
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

A obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), se tornou um marco para a literatura brasileira, pelas experiências pessoais da autora e vivências da coletividade tematizadas na referida obra. Carolina Maria de Jesus relatou em seu diário, o cotidiano das desigualdades sociais, o abandono, a falta de políticas assistencialistas, o preconceito e a discriminação envolvendo o pobre, negro e favelado.

Esses relatos revelam o empenho da escritora para traçar o perfil da identidade cultural e social dos moradores de uma comunidade desassistida, sem a mínima condição de sequer sonhar com uma vida digna, pois pesa sobre essas pessoas o estigma de morarem na favela.

A narrativa posta no diário de Carolina de Jesus é marcada por um realismo impactante, no qual a autora se debruça sobre um tema que ainda é pouco presente na literatura. Indagações acerca do racismo, fome e pobreza, estão estetizados sob o olhar de uma mulher negra, que “sentiu na pele” o quão difícil é ser mulher, negra e pobre neste país que classifica e exclui de forma desumana.

A importância social, cultural e histórica do diário de Carolina de Jesus é imprescindível, seus escritos se tornaram uma rica ferramenta de denúncia social sobre fatores vividos por uma população oprimida, pobre e negra, inserida nas favelas brasileiras dos anos 60. A narrativa utilizada pela autora relatava a exclusão e miséria de forma crua e realista, tecendo críticas não só à forma desumana que alguns indivíduos pudessem viver, como também aos poderes públicos vigentes da época.

Diante de sua realidade na favela, a escritora exerceu alguns trabalhos para sobreviver, e uma de suas principais funções consistia em coletar de papel e latas para reciclagem. Foi durante essa atividade, catando papéis, cadernos e revistas velhas do lixo, que mantinha aceso o seu amor pela leitura, mesmo diante das dificuldades que passava, cuja escrita de seu diário iniciou por meio de cadernos que encontrava em meio aos entulhos e sujidade das ruas. Utilizaremos como aporte teórico alguns nomes como Zolin (2009), Lima; Sousa (2006), Farias (2018) e Madalena Magnabosco (2016).

Carolina Maria de Jesus viu na escrita, uma forma de estabelecer o sonho de uma vida melhor, principalmente pelo desejo que a autora nutria por uma carreira literária de sucesso, que pudesse tirá-la da dura realidade da favela e a fizesse mudar

para uma casa de alvenaria. Essas aspirações faziam com que ela não desistisse da vida; sempre escrevendo, fez da escrita sua terapia diária. Relatar seu cotidiano e de seus vizinhos faziam-na esquecer dos problemas e da dureza da favela, e isso mantinha seu coração mais tranquilo diante da situação de pobreza e fome que passava com seus três filhos.

Uma mulher negra que marca sua escrita com inúmeros relatos de grandes amarguras e indignações por ter que lidar com a fome todos os dias. Por outro lado, ao passo em que ela registrava as dificuldades, também denunciava e criticava o descaso do Estado para com os moradores da favela. Dessa forma, a narrativa de Carolina Maria de Jesus se perpetua como resistência, e ela faz isso expondo os sentimentos e as experiências de exclusão na favela do Canindé, na cidade de São Paulo, questões sobre as quais debruçamos ao longo de nossa pesquisa.

Nesse sentido, esta pesquisa teve como objetivo analisar a figuração da personagem negra no contexto da favela e sua escrita como forma de resistência em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, especificamente, procurando compreender a vida da mulher negra nas favelas dos anos 60, atentando para as desigualdades sociais apontadas na obra analisada.

Dito isso, o trabalho está estruturado em dois momentos: o primeiro, discorre-se sobre a literatura de autoria negra no Brasil, caracterizando o que seria literatura negra e sua importância para os escritores negros do futuro, na perspectiva da cultura nacional. Além disso, há uma abordagem sobre as mulheres em cena, ou seja, a reconstrução da identidade, apontando a produção de autoras negras, a saber, Maria Firmina e Conceição Evaristo, em que serão discutidos pontos sobre a literatura escrita por mulheres negras, com alguns nomes e produções dessas mulheres, cujos nomes e obras das autoras citadas estarão presentes. Ainda nessa primeira parte, discute-se o contexto da vida e obra de Carolina Maria de Jesus, a partir de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, relatando um pouco de seus primeiros contatos com livros, infância e vivência na favela.

O segundo momento é dedicado à análise da narrativa *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, atentando para a força da palavra artística de Carolina Maria de Jesus, empenhada em revelar as agruras da vida nas favelas e denunciar o abandono e a falta de políticas públicas que atendam, minimamente, às necessidades das pessoas que residem nesses espaços urbanos. Ao longo dessa discussão, enfatizamos a simbologia do quarto, na perspectiva da narrativa da autora, como o

lugar de despejo social no contexto brasileiro, no qual se aglomeram as camadas mais desprestigiadas da população. Essa representação denuncia o modo operante da pobreza e miséria, consolidando o espaço de caráter excludente, como as favelas e periferias.

Na sequência, inferimos sobre as memórias mais dolorosas que marcaram a vida da escritora Carolina Maria de Jesus, cujas experiências revelam o lado mais desumano dos indivíduos diante das diferenças e mazelas sociais, destacando o ambiente hostil e precário da favela para viver e criar os filhos pequenos, e a inviabilização do direito de cidadania dos moradores dessas localidades. Por último, o trabalho reflete sobre a indignação da referida autora no que tange à pobreza e à marginalização. A resistência que persuadiu de suas palavras e de sua indignação se configura como armas para enfrentar a pobreza extrema e a condição de ser marginalizada pela cor da pele, por ser mulher e favelada em uma conjuntura patriarcal e branca na sociedade.

2 LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NEGRA NO BRASIL

A literatura é a expressão artística que utiliza a palavra para manifestar a fecunda criatividade do escritor e da escritora para falar de sentimentos, ideologias e de diferentes perspectivas sociais, culturais, econômica, política, dentre outros temas, simbolicamente representados pela linguagem estética. Nesse sentido, a Literatura dialoga com os contextos históricos do passado e do presente, expondo de forma figurativa fatos concretos, além de projetar acontecimentos que poderiam acontecer.

Dessa forma, pode-se inferir que o texto literário, independente de sua época de produção, se renova no tempo e no espaço, sem perder o compromisso com as questões de seu tempo, que se movem como herança para outros tempos e outros espaços, por isso é atualizado pelo leitor de acordo com sua experiência cultural.

No Brasil, inicialmente a literatura surge com caráter histórico-informativo, escrita por colonizadores, que tratavam dos costumes, da cultura, da fauna e da flora do país; não era propriamente uma literatura brasileira, mas que falava do Brasil. Depois é que vai surgir uma literatura genuinamente brasileira, escrita por autores do país, cujo espaço editorial era predominantemente ocupado por escritores, na maioria das vezes, brancos, e pertencentes às camadas sociais mais privilegiadas. Com isso, fica evidente a restrição feminina no campo literário, sobretudo da mulher negra e pobre, visto que a primeira mulher a escrever um romance no Brasil foi Maria Firmina dos Reis, em 1856, sob o título de *Úrsula*, mas pelo fato de ser mulher, teve de omitir seu nome, seguindo uma tradição do anonimato feminino dentro de uma sociedade expressivamente dominada pelo patriarcado e pelo machismo.

A literatura negra se expandiu em diversos aspectos, com o passar dos anos, e foram fundamentais para a construção de um novo olhar voltado a pessoa negra, pois a figura do negro passou, por muito tempo, sendo representada na literatura como um ser atrasado e inferior, cujo viés do racismo era nítido. Além do constante estigma da sempre sexualização dos corpos de mulheres negras descrito em diversas produções literárias. A literatura negra tem sido conceituada por ser uma literatura escrita por pessoas negras, pessoas que abriram espaço para suas próprias vivências e experiências, empenhando-se em destacar um protesto contra o racismo, desigualdades e qualquer tipo de discriminação. Dessa maneira, a literatura negra vai

expressar e expor os preconceitos que os negros sofrem e sofreram durante muitos anos e em numerosos âmbitos da sociedade.

A literatura negra brasileira, afro-brasileira ou de autoria de pessoas negras é fundamental para a cultura nacional, e faz-se necessário destacar a relevância dessa literatura quando é de autoria feminina, já que a mulher, evidentemente, sofreu e continua sofrendo preconceitos relacionados ao seu gênero. A visão que a sociedade expressa sobre a mulher, dificulta, muitas vezes, a realização de tarefas comuns na sociedade, como ser escritora, ocupar determinados cargos, classificados como profissão “de homens”.

Torna-se importante ressaltar os avanços das mulheres em diversas áreas, embora ainda seja minoria na política, na literatura, na economia, entre outros espaços que envolvem a esfera pública. Aos poucos, a cultura que ainda recusa a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres, vai cada vez mais se dispersando, e conseguimos ver cada vez mais mulheres se destacando na sociedade, porém, não podemos deixar de afirmar que esse processo de igualdade entre os gêneros é extremamente lento.

As tentativas de silenciamento de algumas categorias, do âmbito social, consideradas marginalizadas, sempre foram muito constantes no contexto da arte literária. Sobre esse aspecto, Zolin (2009) afirma:

No âmbito da arte literária, até meados do século passado, os discursos dominantes vinham circunscrevendo espaços privilegiados de expressão e, conseqüentemente, silenciando as produções ditas ‘menores’, provenientes de segmentos sociais ‘desautorizados’, como as das minorias e dos/as marginalizados/as. O quadro comportava, de um lado, a visibilidade das obras canônicas, a chamada ‘alta cultura’, de outro, o apagamento da diversidade proveniente das perspectivas sociais marginais, que incluem mulheres, negros, homossexuais, não-católicos, operários, desempregados (ZOLIN, 2009, p. 2).

A mulher e a pessoa negra estão inseridas na categoria de indivíduos apontados como excluídos, cuja oportunidade de conhecer o meio literário produzido por uma mulher negra, oferece a possibilidade não só de conhecermos as vivências pessoais e culturais dessas pessoas, mas também como o mundo as enxergam e as tratam.

O campo literário está se tornando cada vez mais amplo à comunidade negra, mas, por muito tempo, o cenário da escrita se baseava em uma vertente patriarcal e canônica, composta por pessoas brancas. Ao se retratar pessoas negras na literatura,

estas eram sempre colocadas como personagens secundários, e, na maioria das vezes, postos em papéis marginalizados. A escravidão deixou uma mancha histórica na pessoa de pele negra, um racismo estrutural foi se generalizando no campo social, invalidando e marginalizando os indivíduos.

A escrita realizada por essas pessoas, não vai apenas expressar fortemente uma desigualdade social presente entre a pessoa de pele branca e a pessoa de pele negra, como pode ajudar a investigar e a entender como esses fatores se estruturaram, desde que os portugueses chegaram ao Brasil, e vêm se perpetuando até a contemporaneidade. Atualmente é possível apontar diversos nomes de mulheres negras que escrevem e são cada vez mais reconhecidas como escritoras na sociedade.

A escrita produzida por pessoas negras, foi se desenvolvendo e passou por algumas mudanças, dentre elas, a criação do “Quilombhoje”¹.

A referida série completou 40 anos em 2017, e passou por diversas mudanças em sua formação literária. Era destinada a ser produzida por homens e mulheres negras, e “[...] o nascimento das nações africanas de língua portuguesa, foi a motivação maior do surgimento dos Cadernos Negros, que procurava trabalhar a relação entre literatura e as motivações sócio-políticas” (FONSECA, 2006, p. 14). Nem sempre era possível conhecer a literatura afro-brasileira e as temáticas culturais vinculadas a ela, e com o passar dos anos a série “Cadernos negros” procurou ampliar a proposta e pensar na herança deixada por escritores negros brasileiros.

2.1 Mulheres em cena reconstruindo sua identidade

Aos poucos, o espaço de criação focado no trabalho com temas relacionados à cultura negra se expandiu no Brasil, ainda que moderadamente, com o propósito de produzir uma literatura de denúncia das condições sociais do negro. Segundo Fonseca (2006, p. 16), “os objetivos são considerados como estratégia de reversão da imagem do negro visto como ‘máquina-de-trabalho’, como ‘coisa-ruim’ ou como

¹ Foi composta por um grupo paulistano de escritores, fundado em 1980 por Osvaldo de Camargo, Paulo Colina, Abelardo Rodrigues e outros. O objetivo desse grupo consistiu em discutir e aprofundar a experiência afro-brasileira na literatura, por meio de uma série literária intitulada “Cadernos negros”, que refletia as diferenças na escrita dessas pessoas, desde o começo de sua concepção até a época atual.

‘objeto sexual’”, uma visão crítica sobre as condições de vida desse sujeito. Além disso, é possível conhecer a própria vivência de autoria feminina, de como a mulher negra é vista pelo corpo social a partir de sua realidade expressa, muitas vezes nas vozes narrativas, seja como autobiografia ou como representação simbólica através de personagens femininas.

É imprescindível destacar os nomes de algumas mulheres negras que ficaram conhecidas no Brasil pelas suas produções literárias, como a maranhense Maria Firmina dos Reis, nascida em 1822, considerada a pioneira na história da literatura de autoria feminina, conhecida como primeira romancista brasileira e primeira escritora negra abolicionista. Maria Firmina publicou contos e poemas, porém ganhou notoriedade com a publicação do romance *Úrsula* (1859), cuja temática é permeada por uma paixão proibida e os *modos operandi* dos personagens negros e escravizados. A escritora assume um compromisso com as questões da abolição da escravidão no Brasil, época de segregação dos direitos humanos e de violência brutal.

Contudo, a obra de Maria Firmina demorou a ser reconhecida, e só foi descoberta com o merecimento de seu valor estético em 1962, pelo historiador paraibano Horácio de Almeida, que descobriu a obra *Úrsula* em um sebo no Rio de Janeiro; o livro foi reeditado e publicado posteriormente. Diante disso, é possível destacar um grande número de obras que foram produzidas, principalmente por mulheres negras, mas que foram silenciadas por muito tempo, despontando depois para o reconhecimento e a valorização de produções de autoria feminina negra, conforme aponta Araújo (2007):

[...] no caso de escritoras como Auta de Souza, Maria Firmina dos Reis, Ruth Guimarães e Carolina Maria de Jesus, dentre outras brasileiras negras que se aventuraram pelo campo da literatura. A obra dessas apenas passou a ser mais seriamente analisada e criticada a partir das décadas de sessenta e setenta do século passado, quando os estudos feministas e relacionados a grupos étnico-raciais não-hegemônicos apontaram a necessidade de se estabelecer abordagens menos preconceituosas de obras e autoras não incluídas nos padrões canônicos (ARAÚJO, 2007, p. 19).

As evidências da extrema insistência social em apagar ou desvalorizar algumas criações literárias de autoria feminina negra são patentes, e para mudar um pouco esse cenário foram instituídas lutas pelos direitos e deveres de igualdade entre homens e mulheres, que alterou, de algum modo, um pouco essa realidade de segregação.

As questões de preconceito, discriminação e exclusão de mulheres nos espaços sociais, aos poucos vão perdendo fôlego, em virtude dos esforços, estudos e movimentos feministas no Brasil e no mundo, provocando mudanças significativas na mentalidade das pessoas. Em meados da década de 60, começa a surgir o reconhecimento literário de autoria dessas escritoras negras mencionadas anteriormente, e Carolina Maria de Jesus desponta com a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, que a projetou como uma das maiores escritoras negras, resultado do que escreveu no seu diário: o cotidiano e a miserabilidade dos pobres e negros da favela, a partir de suas vivências como uma favelada e catadora de lixo.

Isso posto, convém assinalar que as escritoras Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus fazem parte de uma categoria que resistiu às adversidades raciais e sociais, se construíram enquanto mulheres e escritoras, mesmo diante do abandono, preconceito e exclusão social, enfrentaram pela e com a arte de escreverem sobre si mesmas e sobre o outro, as desigualdades sociais, o racismo e a escravidão do negro no Brasil. Com a genialidade de expor em palavras suas críticas, desejos, confissões do mundo e ideias pessoais, essas mulheres deram início, também, às mudanças de seus papéis na comunidade feminina e na sociedade em geral, e isso influenciou muitas outras mulheres a produzirem literatura.

Outra escritora ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país é a mineira Conceição Evaristo, ganhadora do prêmio Jabuti, considerado um dos mais importantes da literatura brasileira. Evaristo é uma das escritoras que produziu poemas e contos para publicar nos “Cadernos negros”, seus textos foram traduzidos em vários países. Contudo, Conceição Evaristo não mudou sua visão crítica em relação às dificuldades de acesso das mulheres negras ao mercado editorial, sempre se indignou com a invisibilidade da mulher enquanto escritora, principalmente a mulher negra. De acordo com Araújo (2007, p. 18), “[...] a invisibilização das mulheres negras na literatura segue a mesma tendência do apagamento que estas sofreram no registro escrito da História oficial do Brasil”.

Essa invisibilidade está relacionada a fatores históricos em nosso país: desigualdade de gêneros e social, preconceito, discriminação e racismo, que, durante muito tempo, foram potencializados pela sociedade patriarcal, estabelecidos pelas relações de poder e controle. Conceição Evaristo é engajada no compromisso com as causas das mulheres invisíveis socialmente e, sobretudo, com a defesa incontestada da presença da mulher na literatura, principalmente a mulher negra. Um dos trabalhos

mais recentes dessa escritora é o projeto que tem como objetivo desfazer o apagamento da história da representação feminina na arte de escrever, e por isso é a responsável por coordenar a reedição da obra de Carolina Maria de Jesus, autora escolhida para nossas reflexões neste trabalho de conclusão de curso, no qual nos debruçaremos sobre a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*.

2.2 Carolina Maria de Jesus, histórias e contextos

A mineira Carolina Maria de Jesus, nasceu em Sacramento, no interior de Minas Gerais, por volta de 1914. Ela estudou até o segundo ano do ensino fundamental, porém, isso não foi impedimento para que tivesse um olhar completamente poético e relatar suas vivências por meio da escrita. Carolina de Jesus viveu boa parte da sua vida na favela do Canindé, localizada na marginal Tietê, em São Paulo. Ao chegar à capital paulista no ano de 1947, Carolina de Jesus não teve emprego fixo na cidade grande, trabalhou principalmente como empregada doméstica ao chegar na capital, e em decorrência disso, teve que enfrentar muitas dificuldades.

A mãe de Carolina de Jesus era filha de escravos e tinha o mesmo nome da filha, Carolina Maria de Jesus, e era conhecida por todos como dona Cota; já o pai, se chamava João Cândido Veloso. Carolina de Jesus não chegou a conhecer seu pai, tomou conhecimento de quem e como ele era através de sua mãe, que revelou se tratar de um homem que gostava muito de tocar violão e fazer versos de improviso, e era natural de Araxá. Carolina de Jesus, que quando criança era chamada por todos de Bitita, era uma criança extremamente curiosa, gostava de fazer perguntas sobre tudo e qualquer coisa de seu interesse. Para Farias (2018, p. 37), ela era “[...] excessivamente curiosa, e isto a levou, provavelmente, a se tornar inteligente. Tudo perguntava a todos [...]”.

Quando criança, a mineira sofreu de uma grande enfermidade em suas pernas, se tratando de um conjunto de feridas nas quais nunca cicatrizavam; chegou a viajar para Uberaba, cidade vizinha a Sacramento, à procura de tratamento para as feridas que tanto a incomodavam. “E Carolina, dadas as péssimas condições de vida que levava, teve a doença das pernas agravadas, doença que havia adquirido antes de sair de Sacramento” (FARIAS, 2018, p. 64). Isso a fez fazer uso de longas meias, que é possível vermos constantemente em várias fotos de Carolina de Jesus. Na época,

a falta de dinheiro para o básico, como citado acima, dificultou sua cura, fazendo com que ficasse por vários anos procurando ajuda.

A cidade de São Paulo tornou-se um grande devaneio para Carolina de Jesus, um lugar de grandes oportunidades e possibilidades de mudança de vida, onde ela iria organizar sua vida e, presumivelmente, fazer riqueza. No entanto, ao chegar à cidade grande, se deparou com desafios e decepções, cujos empregos que conseguiu arranjar foram de doméstica ou auxiliar de cozinheira. Além dessas funções que cumpria para sobreviver juntamente com seus três filhos, catava papel, latas, ferros e tudo que desse para vender e conseguir comprar a comida do dia, e registrava essas dificuldades em seu diário.

A escritora tentou insistentemente publicar alguns de seus escritos; ia sempre a algumas redações de jornais, mas não obtinha sucesso. Quando seus textos eram devolvidos, geralmente não chegavam a lê-los, era ignorada provavelmente por ser mulher e negra, e ela sentia-se injustiçada. Houve um momento em que Carolina Maria de Jesus foi descoberta e seus textos levados a sério, como uma grande construção social da época, por isso não poderia ficar no anonimato.

A descoberta se deu quando o jornalista Audálio Dantas estava fazendo uma reportagem sobre a favela do Canindé, e ao andar pela favela, ele viu uma moradora aos gritos com vizinhos, ameaçando colocá-los em seu livro. Essa atitude chamou atenção de Audálio, que se interessou pelo referido livro, e ao tomar conhecimento deste, ficou impressionado pela força do texto, conforme relata:

Repórter, fui encarregado de escrever uma matéria sobre uma favela que se expandia na beira do rio Tietê, no bairro Canindé. Lá, no rebuliço favelado, encontrei a negra Carolina, que logo se colocou como alguém que tinha o que dizer. E tinha! Tanto que, na hora, desisti da reportagem (JESUS, 2014, p. 7).

O jornalista, encantado com a força da escrita de Carolina de Jesus, apresentou o texto a um editor, que se interessou, editou e publicou o livro sob o título de *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*. Essa obra, que virou best-seller, trouxe fama e algum dinheiro para a escritora, *mas, apesar* do grande sucesso, Carolina não saiu da pobreza, contudo, conseguiu sair da favela como tanto sonhava. A escritora teve outras obras publicadas, tais como: *Casa de alvenaria: diário de uma ex. favelada* (1960); neste livro a escritora faz novos relatos sobre sua vida. Em 1963, é publicado *Pedaços da fome*, seu primeiro romance contando a história de uma menina branca e

rica que mora no interior de São Paulo, abordando questões como o patriarcalismo e as desigualdades sociais e raciais. O seu último livro publicado em vida foi *Provérbios*, também de 1963.

Ao longo dos anos, outras escritas de Carolina foram publicadas com a ajuda de alguns escritores que consideravam suas palavras extremamente necessárias. Todavia, é com o primeiro livro, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, que a autora é reconhecida no meio literário. Uma escrita simples e informal, mas cheia de sensibilidade e concretude da vida de quem conhece a desigualdade social, a fome, a miséria e o abandono por parte do poder público. É sobre essas histórias de vida, luta e resistência de uma mulher pobre, negra e favelada que discutiremos a seguir, enfatizando o enredo em que a autora questiona o sistema e denuncia os descasos com as camadas menos favorecidas, aquelas pessoas que figuram no mapa da pobreza no Brasil.

3 QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA

A obra de Carolina Maria de Jesus tem um valor significativo para os estudos literários e para a sociedade, pois se trata de uma narrativa poderosa e reveladora dos problemas mais cruciais das comunidades vulneráveis do Brasil, a exemplo das favelas, sobretudo aquelas em que a miséria está mais explícita.

Para isso, a autora se apropria de discursos antropológicos e sociológicos, a prova de que não é preciso ser um intelectual expressivamente erudito para escrever literatura, basta olhar para os estratos sociais e representá-los com simplicidade e precisão das palavras. A moradora da favela do Canindé foi a escritora negra brasileira mais publicada no mundo, a sua obra alcançou mais ou menos 16 países em 46 idiomas, vendeu 4 milhões de livros no exterior e mais ou menos 3 milhões no Brasil. É possível colhermos essas informações em sua biografia intitulada *Carolina: Uma biografia*, escrita pelo jornalista Farias (2018), que afirma:

No ano de 1962, o livro saiu na França, Alemanha Ocidental, Suécia, Itália, Checoslováquia, Romênia, Inglaterra, Estados Unidos e Japão [...] teve edições em livro que viraram best-seller, como a ocorrida no Brasil, ou até mais. Especula-se que, apenas no exterior, o livro de Carolina tenha tido mais de um milhão de cópias (FARIAS, 2018, p. 297).

O enredo de *Quarto de despejo: Diário de uma favelada* retrata de forma realista a vida dos moradores de favela. A obra é permeada por uma vivência pobre, precária, miserável e desumana pela forma como Carolina de Jesus retrata a experiência da fome. A mineira teve sua obra publicada em 1960, em uma época que a escrita feminina e negra não era tão reconhecida ou vista com muita frequência, ainda mais em forma de diário como o de Carolina de Jesus.

Esse formato de escrita foi se popularizando no Brasil, a partir desses registros encontrados nos diários de muitas de pessoas que se tornaram escritores e escritoras, posteriormente. Com o tempo, os diários de homens e mulheres foram ficando mais comuns, as experiências passaram a ser registradas como uma espécie de confidência da vida em sociedade. Cabe ressaltar que outras mulheres passaram a escrever nesse gênero textual, a exemplo da escritora também mineira, Maura Lopes Cançado, que também tentou a vida em cidade grande, expôs seus sonhos e suas experiências nas páginas dos diários, especialmente sua vivência nos manicômios.

Sobre essas autoras que escreveram em diários, o professor aposentado, José Carlos Sebe B. Meihy, afirma que “foram duas mulheres, ambas de Minas gerais, Carolina Maria de Jesus e Maura Lopes Cançado, quem, mais do que todos, formularam situações inéditas [...]” (MEIHY, 2016, p. 16). Dessa forma, os diários além de revelarem fatos inéditos ao público, também se debruçavam sobre realidades que ajudariam a aproximar o leitor de uma verdade que para muitos talvez fosse muito distante ou então inimaginável para o cenário brasileiro de algumas épocas. Havia um empenho muito grande dessas autoras para contar a vida real, mas “é como se a ficção por si não desse mais conta da fala sobre a realidade” (MEIHY, 2016, p. 16).

A escrita de Carolina de Jesus era realizada em cadernos velhos que ela encontrava no lixo, como catadora de papel na favela do Canindé, além de jornais e revistas que gostava muito de ler. Foram nesses cadernos velhos que surgiram as primeiras impressões sobre sua vida e de seus vizinhos, naquele local considerado o quarto de despejo da sociedade. O livro nos revela fatores sociais muito sérios e polêmicos da época, demarcando o lugar da pobreza e dos miseráveis socialmente.

Para Carolina de Jesus, escrever lhe credenciava a ser uma escritora reconhecida e com isso realizar seu grande sonho de sair da favela, que, por diversas vezes, relatava em seus diários: “é que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela” (JESUS, 2014, p. 27). É perceptível que, ao fazermos as leituras sobre a mineira, seu maior sonho naquela época era sair da favela e morar em uma casa de alvenaria. Dessa forma, escrevia e idealizava a publicação e venda de seu livro como uma ferramenta importante que iria ajudá-la junto aos seus filhos.

Carolina de Jesus, quando ainda era criança, teve, durante o processo de sua formação de leitura, uma influência extraordinária, e isso pode ter ajudado a moldar seu pensamento sobre a sociedade até sua idade adulta. Quando pequena, sua primeira leitura foi a obra de Bernardo Guimarães, *A escrava Isaura*, uma obra de caráter abolicionista, ambientada num período de regime escravista, e isso foi fundamental para que a escritora compreendesse como esse período ficou marcado por marginalizar a população negra.

Diante disso, é possível identificar algumas inferências ou até comparações em seu diário, fazendo relação da escravatura com sua realidade na favela: “E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome!” (JESUS, 2014, p. 32). Para Carolina Maria de Jesus, a fome era, também, uma forma de escravidão,

pois, assim como a escravidão dos negros, que sofriam violência, não tinham nenhum direito assegurado, a fome se configura como violência, que marginaliza e mata as pessoas.

Quando se discute a premissa de exclusão que uma mulher negra pode sofrer, é preciso destacar que por tantas vezes Carolina de Jesus tentou publicar seus escritos, mas não obteve muito sucesso, conforme se constata na sua biografia. Mas enquanto mulher determinada e insistente que ela era, foi várias vezes aos jornais, e mesmo não obtendo êxito, não perdeu a esperança. Para realizar seu sonho, foi preciso a intervenção masculina, pois sua escrita só foi publicada após um jornalista ter se interessado por sua história e escrever sobre seus relatos. Sobre esse fato, Meihy (2016) expressa suas ideias relacionadas a esse acontecimento:

Qual o significado desta mediação naquela conjuntura? Pergunta-se: estratégia delas? Oportunismo deles? Concessão ou negociação de ambos os lados? Seja qual for a resposta, o fato é que há um direito e um avesso neste pano editorial. [...] Isto coloca em juízo as edições ou influências masculinas nos produtos finais (MEIHY, 2016, p. 23).

É possível perceber a desigualdade de gênero sofrida por Carolina de Jesus ao tentar alcançar o seu objetivo, pela sua condição de negra e mulher, por causa disso é claramente inquestionável se a autoria da obra seria de Carolina de Jesus. Com isso, ao que parece, o mérito da obra ter sido publicada é conferido ao jornalista Audálio Dantas. Imaginar que a publicação apenas aconteceu quando um homem se interessou pelo assunto contido nos cadernos velhos, nos faz refletir o quanto a sociedade ainda confere à mulher a falta de prestígio, e coloca em dúvida a capacidade feminina e privilegia o trabalho do homem.

É importante ressaltar que Carolina de Jesus foi autora de diversas outras produções, como dramaturgias, poesias, contos e provérbios que, infelizmente, não tiveram notoriedade e o alcance que teve Quarto de *Despejo: Diário de uma favelada*, ainda que tardiamente, mas que se perpetua como sendo a única obra da escritora. A escrita de Carolina nesta obra é completamente cotidiana, a autora utiliza a primeira pessoa para narrar suas vivências e de seus vizinhos de forma extremamente simples e real. A linguagem informal, sem qualquer rebuscamento academicista, apresenta alguns desvios ortográficos, desvios esses que parecem necessários à obra, pois confere mais realismo à escrita do diário, mesmo com algumas alterações feitas no texto final pelo jornalista Audálio Dantas.

É importante destacar que a relação entre Carolina de Jesus e o jornalista era bastante conturbada. A mineira acusava o jornalista de controlador, de querer decidir tudo por ela, quando se tratava de questões voltadas ao ofício de escritora, conforme ela relata: “Tem dia que adoro o Audalio, tem dia que xingo-o de tudo. Carrasco, dominador, etc. Xingava o Audalio. Ele não me dar liberdade para nada” (FARIAS, 2018, p. 209).

3.1 O quarto de despejo social brasileiro

Em nossa sociedade, ocorrem muitos casos de desigualdades sociais. Os indivíduos que sofrem com essas diferenças são, infelizmente, considerados marginalizados e, muitas vezes, repudiados no meio social. Lamentavelmente, o desequilíbrio social está principalmente ligado à desigualdade econômica, à posição que um indivíduo ocupa na sociedade, que determina o tratamento diante dos outros indivíduos. De acordo com Wlodarski e Cunha (2005, p. 4): “No Brasil, a existência da pobreza não ocorre devido à falta de recursos e sim da desigual distribuição destes. Entendendo, que o Brasil é um país rico, porém, com maiores índices de desigualdade do mundo”. Dessa forma, compreendemos que o Brasil, pela dimensão econômica que possui, pode implementar políticas de combate à pobreza, a fim de amenizar as desigualdades sociais.

A obra estudada neste trabalho contém a história de uma mulher negra e favelada que relata a exclusão de sua vida e de pessoas ao seu redor, expondo como os seres humanos podem ser vistos, julgados e tratados pelo local onde moram, pelo gênero e principalmente pela cor de sua pele. A favela, habitar de Carolina Maria de Jesus, por muito tempo se estabelece por ser um cenário que perpetua o retrato da desigualdade brasileira, cujos moradores dessas localidades muitas vezes não têm acesso nem ao básico, como à saúde, educação e ao saneamento básico.

Carolina de Jesus tinha o sonho de sair da favela, como já dito em outros momentos. Sua ambição de escrever seu diário era para mudar-se daquele local de extrema pobreza para uma casa de alvenaria. Carolina de Jesus define o favelado como o ser mais maltrapilho da sociedade, cujo estereótipo atribuído às pessoas das favelas revela que nesses espaços as condições de higiene são precárias, talvez pela ausência de saneamento básico, água potável, coleta de lixo, e pelas próprias condições de pobreza e falta de esclarecimento sobre higiene à comunidade.

A autora define de forma crua o que representa a favela para ela e todos aqueles que residem nesse espaço urbano: “[...] e a favela é o quintal onde jogam os lixos” (JESUS, 2014, p. 32). A favela que Carolina de Jesus tanto repudiava era caracterizada por ser um local sujo, com barracões um ao lado do outro e sem saneamento. Carolina de Jesus afirma que quando chovia, exalava um odor muito forte dos excrementos que se misturam com o barro podre, e esse cenário coaduna com a extrema pobreza das pessoas do lugar.

A genialidade ao fazer uso de palavras com duplo sentido ou certa ironia faz parte da escrita da mineira, indubitavelmente o título de seu livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* manifesta-se como uma de suas jogadas geniais, ao associar um quarto como sendo de despejo, despejo de tudo que a sociedade mais repudia ou discrimina. Despejo de pessoas negras, de pobres, de mães solteiras, de bêbados, conforme observamos neste excerto: “Duro é o pão que nós comemos. Duro é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado” (JESUS, 2014, p. 41). A vida dura, de acordo com a escritora, fazia com que ela pensasse em suicidar-se, relatos marcantes de uma mulher desesperada e cheia de sonhos poéticos.

As manhãs na favela eram de balbúrdia; as mulheres colocavam os latões na cabeça e se dirigiam para uma grande fila para pegar água, dava bem para escutar as crianças da favela brincando e as brigas constantes dos vizinhos. A relação de Carolina de Jesus com alguns dos moradores da favela era, por muitas vezes conturbada, e uma delas se passa em uma situação que atearam fogo em sua moradia: “um dia eu discutia com a Leila. Ela e o Arnaldo puzeram fogo no meu barracão” (JESUS, 2014, p. 52).

Alguns vizinhos não gostavam da mineira, a definiam como nariz empinado e criticavam o modo com ela falava e por estar sempre com um livro nas mãos, lendo ou escrevendo algo. Com isso, externavam um pensamento machista e preconceituoso em relação a Carolina de Jesus, pois defendiam que uma mulher que escreve nunca arranjará um homem: “[...] e depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro” (JESUS, 2014, p. 49).

A mineira sempre registrava as brigas que ocorriam, muitas e de diversas naturezas, as quais foram apontadas em seu diário. As brigas que ocorrem durante a narrativa, perpetuam as violências existentes na favela e foram registradas no diário de Carolina de Jesus. Essa tipificação de violência contra mulher, praticado pelos

parceiros, expõe uma realidade muito recorrente não apenas nas comunidades precárias, mas em todas as esferas sociais, embora nas camadas pobres e entre mulheres negras, o problema se acentua mais.

Do ponto de vista da realidade social no Brasil, as mulheres são as principais vítimas de violência doméstica, por isso foram criadas leis com o intuito de proteger essas mulheres, como a Lei Maria da Penha, que entrou em vigor no país no ano de 2006. O nome faz uma homenagem a Maria da Penha Maia Fernandes, que ficou paraplégica após ser baleada pelo marido enquanto dormia. Sobre essa questão, Andrade e Souza (2021) afirmam:

Acerca da violência doméstica, observa-se que a Lei Maria da Penha, em seu artigo 5º, dispõe que a violência doméstica contra a mulher, se caracteriza a qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial (ANDRADE; SOUZA, 2021, p. 5).

Em muitos casos, as mulheres que sofrem algum tipo de violência, protegem seus próprios agressores, cujos fatores vão estar ligados ao medo que elas sofrem, à condição financeira e proteção dos filhos. Infelizmente todos esses fatores contribuem para que venha a ocorrer tragicamente a perda de vida da mulher, conhecida como feminicídio.

Os aspectos de violência doméstica na favela se caracterizam por estarem ligados, principalmente, aos fatores financeiros. Mulheres que são sustentadas pelos seus parceiros ficam vulneráveis a aceitar os tipos de violência que possam vir a sofrer. A mineira Carolina de Jesus descreve que as mulheres da favela se comportavam de certas maneiras para escapar de apanhar de seus parceiros, como se nota no fragmento a seguir: “[...] a mulher, para não apanhar sai nua para a rua” (JESUS, 2014, p. 45). Diante das cenas de violência entre os casais, que Carolina de Jesus presenciava, nunca quis casar-se.

Apesar da visão que a sociedade daquela época e até das épocas mais atuais idealizam de uma mulher sem um homem: “Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar” (JESUS, 2014, p. 22), a mãe solo, na sociedade brasileira, sofre um grande preconceito, pois se tem idealizado, por muitos anos, o que seja uma família tradicional, composta por um pai, mãe e filhos.

De acordo com Noronha e Parron (2012, p. 3), “[...] seja pelo instinto de perpetuação da espécie ou pelo repúdio a solidão, o fato é que a dimensão que abarca

as estruturas familiares é, sem dúvidas, muito ampla [...]”. As estruturas familiares, sem dúvidas, estão cada vez mais abrangentes; existem famílias compostas apenas por uma mãe e seus filhos, como também por duas mães, dois pais e várias outras estruturas, cujo conceito de família pode se caracterizar por conter muita diversidade. Um dos grandes enfrentamentos que as famílias fora do padrão sofrem é o preconceito da sociedade, que questiona, exclui e, muitas vezes, invalida como uma família.

Dessa forma, algo que fuja dessa questão de tradição familiar formada por uma mãe e um pai em um lar, é duramente criticada pela sociedade em que vivemos. Carolina de Jesus viveu esses fatores de discriminação pelas outras mulheres da favela do Canindé, ao criar sozinha seus três filhos: “elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas têm marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas” (JESUS, 2014, p. 16).

O peso que uma mãe solo carrega por não estar com um pai ao lado é discriminado por outras mulheres, condição esta que pode causar revolta, pois se entende que em uma situação como essa, as mulheres deveriam defender e entender outras mulheres, em vez de praticar algum tipo de preconceito ou ter pensamentos de caráter misógino. Carolina de Jesus se viu arduamente discriminada por ser uma mãe solteira, porém, tinha outros fatores com que se preocupar, como ser uma mulher negra em um cenário sociológico, no qual o branco é mais bem colocado.

3.2 Memórias de Carolina

O diário escrito por Carolina relata seu cotidiano e de pessoas à sua volta; ela reafirma em seus escritos a denúncia sobre fatores da vida em sociedade, da época de produção da narrativa. Os elementos que vão tornar o diário estupendo são muitos, porém, tem algo que o torna mais revelador do contexto no qual a autora estava inserida - os relatos da falta de humanidade. Essa falta de dignidade reflete sobre muitas pessoas, que são frutos da ausência de compaixão, da falta do atendimento às necessidades básicas, entre outras questões que provocam uma reflexão sobre os diferentes sujeitos das camadas mais carentes do Brasil.

A falta do básico era rotineira no dia a dia dos favelados, as igrejas e algumas instituições de caridade passavam na comunidade com o intuito de fornecer alguma ajuda, principalmente algum alimento, conforme relata a autora: “peguei a sacola e fui.

Era o dono do centro espírita da rua Vergueiro 103. Ganhei dois quilos de arroz, idem de feijão e dois quilos de macarrão” (JESUS, 2014, p. 12). Quando as instituições não passavam, alguns moradores saíam da favela e iam esmolar em outras comunidades, para conseguir um pouco de alimento.

A respeito disso, Carolina atesta que uma mulher da favela bateu na porta da casa de uma mulher da cidade para pedir esmolas, a dona da casa a mandou esperar e lhe trouxe um embrulho: “começou a pensar. Será um pedaço de queijo? Será carne? Quando ela chegou em casa a primeira coisa que fez, foi desfazer o embrulho [...] Quando desfez o embrulho viu que eram ratos mortos” (JESUS, 2014, p. 62).

A maldade e a falta de compaixão com aqueles que passam necessidades, marca a escrita de Carolina de Jesus, fazendo com que tenhamos conhecimento de um lado desagradável dos indivíduos, como o preconceito e a maldade diante da fragilidade do outro. O preconceito se caracteriza por ser um julgamento realizado de forma negativa e prévia sobre um determinado povo, pela sua etnia, forma de falar, local que moram, questão religiosa, de gênero e vários outros fatores que possam ser repudiados por um determinado grupo para outro. Teles (2011, p. 17) afirma que “[...] são inúmeros os maus tratos efetuados contra o negro, o pobre e o analfabeto, etc. levando-os a um estado de vulnerabilidade social”.

Um determinado grupo social se vê frágil diante de outro, sendo capaz de vir a sofrer alguma desumanidade².

Com isso, observa-se a perversidade da classe dominante sobre os mais vulneráveis, cujas pessoas que estão em uma situação de pobreza e necessidades, infelizmente passam por esse tipo de humilhação e constrangimento. Segundo a jornalista Nunes (2022), escritora do G1: “O vídeo mostra que a moradora ainda perguntou se o homem estava falando a verdade, e ele confirma: verdade, sério”. A obra de Carolina de Jesus, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, retrata inúmeros fatores como esses que ocorreram com a senhora, potencializando cada

² A literatura e a sociedade estão interligadas, uma influenciando a outra; essa relação entre realidade e ficção pode ser constatada a partir dos escritos de Carolina Maria de Jesus, relacionando-se a um caso mais recente de desumanidade que ocorreu no ano de 2022, no Brasil, uma situação que repercutiu na mídia e nas redes sociais. O caso tratava-se de uma faxineira, moradora de um bairro carente no interior de São Paulo, que foi colocada em uma situação de constrangimento por um empresário que realizava a entrega de marmitas naquele bairro. Ao questionar em quem a moradora votaria para Presidente da República nas eleições, e ao afirmar apoio ao candidato Luiz Inácio Lula da Silva, o empresário faz um vídeo afirmando, diante da senhora, que naquela residência não haveria mais entrega de marmitas.

vez mais as relações de poder e controle das camadas de maior prestígio social sobre a população mais carente.

Carolina de Jesus registrou com êxito suas memórias, e chama atenção pela forma como ela narra suas convivências com seus vizinhos e como eles se relacionam com seus três filhos. O cenário da favela do Canindé que, segundo a autora, era o pior possível para se criar os filhos, as crianças ficavam expostas a ver vários tipos de cenas desagradáveis, conforme o exceto que segue: “A Silvia e o esposo já iniciaram o espetáculo ao ar livre. Ele está lhe espancando. E eu estou revoltada com o que as crianças presenciam. Ouvem palavras de baixo calão. Ho! Se eu pudesse mudar daqui [...]” (JESUS, 2014, p. 14).

Outro aspecto desagradável que ficava à vista das crianças da favela eram os vícios que lá continha, o principal deles o da embriaguez. O diário nos traz, através das palavras de Carolina de Jesus, como as mães devem ser diante de seus filhos, com relação aos vícios, “Se eu viciar no álcool os meus filhos não irá me respeitar-me [...] Eu prefiro empregar o meu dinheiro em livros do que no álcool” (JESUS, 2014, p. 74). A visão da mineira sobre a vida era sempre de colocar os livros e a leitura como uma prioridade, pois só o conhecimento era capaz de transformar sua vida, de modo que se tornasse uma cidadã com deveres e direitos.

Dessa forma, a cidadania se consolida por proporcionar aos indivíduos alguns tipos de direitos que asseguram uma vida mais digna, em que o sujeito pode exercer não só os seus deveres, mas que o Estado faça valer os direitos das pessoas, independentemente de etnia, cor e raça. A segurança, o acesso à justiça, direito de votar, participar da administração pública, usufruir de educação, saúde, emprego, alimentação, aposentadoria e serviços públicos de qualidade, em geral, são alguns desses direitos. De acordo Azevêdo (2012):

[...] a classe que conta com baixa renda, imprime uma realidade pretérita e provavelmente futura, de submoradia, desnutrição, analfabetismo, violência, entre outras problemáticas que totem a liberdade e marginaliza o cidadão, colocando em xeque o seu direito a cidadania (AZEVEDO, 2012, p. 19).

Dessa forma, é possível refletir como os sujeitos que vivem nas classes faveladas podem ter seus direitos corrompidos e invalidados. A falta de cidadania expõe suas vidas a todos os tipos de situações inóspitas. A vida dura da mineira por

ser favelada, mãe solo e o enfrentamento da pobreza e da fome se acentua pela cor da pele. O Brasil compõe uma sociedade que vem, historicamente, perpetuando um racismo estrutural. No Brasil, são inúmeros os casos nos quais os corpos negros são violentados e mortos em função da cor da pele, os negros foram e ficaram marcados pelos acontecimentos históricos que lhes acompanham até os dias mais atuais.

A violência contra os negros foi se naturalizando pela prática da escravidão, marcas desse período completamente repressivo foram deixadas e infelizmente muitas pessoas querem agir, na prática e verbalmente, com as pessoas negras, como se fazia no passado. Por causa disso, a sociedade se mostrou cada vez mais excludente em suas relações, de acordo com Teles (2011, p. 13): “[...] a sociedade brasileira tem se mostrado uma sociedade excludente, na qual as relações sociais se dão conforme a posição social e racial, o que gera consequentemente o preconceito racial e social”.

O parâmetro em que se encontra a mineira, Carolina de Jesus, se caracteriza por se tratar de uma mulher, inserida na sociedade, vítima do preconceito social pela sua condição de pobreza e por ser moradora da favela do Canindé, cujo aspecto racial, também se caracteriza como mais um fator de opressão, pela cor de sua pele. Algo que nos chama a atenção nos diversos escritos na obra da mineira, diz respeito aos trocadilhos realizados por ela; a escritora demonstra ter total noção de sua posição na sociedade como negra, em relação a posição de um indivíduo branco, ao falar: “Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam felizes” (JESUS, 2014, p. 30). Essa descrição revela a consciência social da mineira de que, possivelmente, os pretos só terão felicidade se os brancos estiverem felizes; uma relação hierárquica entre branco e negro, até mesmo quando se trata de sentimentos.

A palavra “negro” é utilizada por Carolina de Jesus também para descrever como era sua vida: “quando puis a comida o João sorriu. Comeram e não aludiram a cor negra do feijão. Porque negra é a nossa vida. Negro é tudo que nos rodeia (JESUS, 2014, p. 430). A escritora faz uma alusão da palavra relacionando a fatores que sejam considerados ruins em nossa sociedade, demonstrando, mais uma vez, como ela tinha consciência de sua posição de negra, como era vista e tratada. Todavia, mesmo diante das adversidades em função da cor da pele, Carolina de Jesus se declarava uma mulher orgulhosa de sua etnia: “Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra. E o meu cabelo rustico” (JESUS, 2014, p. 64).

3.3 Indignação, pobreza e marginalização

Em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, o pobre e a pobreza são condições marginalizadas, as condições precárias da comunidade são impactantes, o lugar é deprimente, com uma rotina estarrecedora em que as pessoas parecem “coisas” amontoadas em um “quarto” de despejo humano, jogadas à própria sorte. A pobreza da autora se iguala a pobreza de muitos moradores da favela, uma realidade impactante, e chega a chocar pelas condições inumanas de crianças, jovens e adultos que ainda conseguem sobreviver no espaço de miséria e abandono. Carolina de Jesus se mostra indignada com a sua situação de extrema pobreza, e, de algum modo, choca o leitor que muitas vezes não tem conhecimento da dimensão e dos fatores que envolvem a pobreza no Brasil. Sobre esse aspecto, Fernandes (2015) afirma:

[...] surge uma nova configuração para o termo pobreza, onde estão incluídos não somente aqueles que não possuem um sustento próprio, mas aqueles que trabalham e não conseguem suprir suas necessidades básicas, por não possuir acesso digno a alimentação, moradia, saúde e educação (FERNANDES, 2015, p. 17).

A pobreza e a extrema pobreza já foram ou ainda são a realidade de inúmeros brasileiros. Junto com a pobreza, vem a fome, e um dos principais momentos críticos da pobreza é quando os indivíduos não têm nada em suas casas para comer, perpetuando a desnutrição e condições de vida precária. A vida de extrema pobreza acompanhou a mineira Carolina de Jesus desde muito nova, em que a fome marca sua trajetória de tentar sobreviver, cujos relatos não apenas sinalizam como a fome a afetava com seus três filhos, como também os seus vizinhos da favela. É difícil frisar alguma página de sua obra que não cite algum aspecto da fome, que ela e os filhos tiveram de enfrentar no espaço da favela.

Carolina de Jesus revelou, de dentro de seu ser, a agonia, fome, decepção, indignação e raiva que teve de suportar, materializando esses sentimentos por meio da escrita da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, nos convidando a perceber as principais dificuldades dos favelados na década de 60, em São Paulo. Em muitos estudos realizados sobre Carolina Maria de Jesus, a fome é descrita como uma personagem de seu livro, como um fenômeno que está sempre ao seu lado, sem lhe dar sossego. Ao adquirir seu sustento com o lixo que catava, o dinheiro era sempre

muito pouco, e a mineira nunca se conformou com sua realidade de sobreviver com restos, fatos esses lhe causavam muita indignação e revolta: “Eu ontem comi aquele macarrão do lixo com receio de morrer” (JESUS, 2014, p. 39).

Carolina Maria de Jesus registrava quantos cruzeiros ganhava catando papel e o que iria fazer com o dinheiro. A dúvida frequente que vinha à mente da autora, depois de contar o dinheiro, era se ela iria conseguir comprar alguma comida para seus filhos naquele dia ou não: “Eu havia comprado um ovo e 15 cruzeiros de banha no seu Eduardo. E fritei o ovo para ver se parava as náuseas” (JESUS, 2014, p. 47). As náuseas a que se refere Carolina de Jesus, em várias situações, era decorrente da tontura provocada pela fome, pois segundo a autora: “A tontura da fome é pior do que a do álcool” (JESUS, 2014, p. 44). Carolina de Jesus nos relata que escrevia quando não tinha nada para comer, que escrever a normalizava. A escrita feita pela moradora do Canindé, lhe permitia ultrapassar as circunstâncias sociais, históricas, culturais e políticas da época. Sobre essa experiência da autora, Magnabosco (2016) afirma:

Escrever relatando o cotidiano de dentro da favela a retirava, por momentos, da ordem do trágico, de uma desolação para com o mundo. Através da escrita diária Carolina se reconstituía, não pela descrição linear do vivido, mas pela narrativa, pelo desafio em ultrapassar pela palavra o obstáculo entre sua vida e a realidade sufocante da favela. Escrever para esquecer a fome, a dor, a miséria. Escrever para suspender temporariamente a ordem do trágico. ‘Quando fico nervosa, não gosto de discutir. Prefiro escrever’ (MAGNABOSCO, 2016, p. 60).

A escrita, para Carolina Maria de Jesus, representa uma forte arma de resistência a tudo que lhe indignava: fome, falta de moradia decente, falta de segurança, falta de boa educação e falta de vontade de viver diante das mazelas que sofria. A arte de pensar, imaginar e criar surge como catarse para a autora: “As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários” (JESUS, 2014, p. 60). Além disso, Carolina de Jesus sempre estava lendo alguma coisa, seja o dicionário ou o livro de gramática, como também os jornais velhos que catava na rua, pois a mineira gostava e se orgulhava de sempre estar por dentro de tudo que estava acontecendo no mundo: “Há várias coisas belas no mundo que não é possível descrever-se. Só uma coisa nos entristece: os preços, quando vamos fazer compras. Ofusca todas as belezas que existe” (JESUS, 2014, p. 43).

A autora também se debruçava sobre fatores políticos. O diário comporta acusações e críticas aos políticos da época e denuncia diversos descasos provocados por eles ao povo mais humilde: “Eu quando estou com fome quero matar o Jânio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Jucelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos” (JESUS, 2014, p. 33). A mineira relatava as injustiças impostas aos moradores da favela, na qual continha perspicácia em suas palavras ao questionar a vinda dos políticos na favela apenas em tempos eleitorais, e logo depois esquecia-se dos pobres e negros.

O diário reafirma o principal trabalho de Carolina de Jesus no tempo em que foi moradora da favela do Canindé, como catadora de papel, latas e tudo que pudesse vender para conseguir alguns cruzeiros na época. Outras funções que exerceu durante a infância, adolescência e até sua formação como adulta, foi a de doméstica e cozinheira. Na época, os únicos meios de trabalho que havia para pessoas pouco letradas eram: o trabalho doméstico, para as mulheres, e cuidar da roça, para homens. De acordo com Farias (2018):

Esta ‘ótica do mundo do trabalho’, a que aludimos, é uma situação que tem tudo a ver com o que viveu Carolina e sua família, sua mãe Cota e seu padrasto José Romualdo: foram tirados de casa, passaram fome e humilhações e, ainda por cima, não receberam pelo que trabalharam. O pior de tudo isso é que esta é uma realidade que perdura até os dias de hoje, seja em Sacramento, ou no interior de outras cidades mineiras ou de qualquer região do país, rural ou não, onde a mão de obra é formada essencialmente por gente negra e pobre e, acima de tudo, iletrada, sem acesso à escola (FARIAS, 2018, p. 70).

A mão de obra negra, pobre e analfabeta era chamada sempre para as piores funções trabalhistas, com isso ocorre a marginalização desses indivíduos pela cor da pele e pelo lugar na sociedade que ocupam: “[...] exploração da sua mão de obra. Nova, ingênua [...] acreditava que podia vencer e mudar de vida usando sua força produtiva de trabalho [...] enganada e humilhada [...] tornou-se uma pessoa muito amargurada” (FARIAS, 2018, p. 71). Carolina de Jesus cresceu nessa realidade, ao passar por inúmeras casas de senhoras ricas, enquanto doméstica, e anos depois, vir a se instalar na favela do Canindé. Com isso, destacam-se a pobreza, marginalização e a resistência como pano de fundo da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, uma escritora negra e pobre que se indignou com as injustiças sociais nos arredores das favelas do Brasil.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho analisou a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus, apontando as questões sociais estetizadas pela escritora durante a década de 60 no Brasil, especialmente no contexto das favelas de São Paulo. Nosso olhar se voltou para a autora como personagem e narradora de suas próprias experiências, utilizando a escrita como instrumento de denúncia e resistência para evidenciar precariedade das comunidades pobres do país.

A literatura, durante muito tempo, era considerada uma atividade voltada ao homem branco e elitizado, especialmente quando se tratando de áreas sem muitas novidades no cenário literário da época em que o diário foi escrito. Pesquisar a escrita de mulheres negras, é uma forma de dar visibilidade ao trabalho dessas mulheres. Para isso, é necessário ser discutido e visto por todos como uma produção de valor literário, em que os autores expõem suas ideias e representam a realidade social do período de produção.

A leitura da obra de Carolina Maria de Jesus nos possibilitou olhar para a mãe, mulher negra, catadora de papel, moradora de favela e vítima da fome, uma realidade difícil para quem teve de enfrentar a dureza de criar sozinha os três filhos e ocupar o seu lugar de fala, seja através da escrita nos diários ou verbalizando sua indignação com a desigualdade social dos moradores da favela. Dessa forma, é possível inferir que a autora de *Quarto de despejo* se mostra como uma mulher que viu na literatura uma oportunidade de dar voz a várias Carolinas que possam existir no Brasil, de denunciar o descaso com os moradores da favela e a precarização da vida de quem não é atendido pelas políticas públicas assistencialistas.

Acreditamos que as formas de resistência nascem de várias maneiras, a escrita de Carolina de Jesus nasce de um desejo de se sentir mais digna diante da sua realidade. O amor da autora pela escrita e leitura a salvou diante de sua precariedade, motivou para os sonhos e impulsionou a buscar seus objetivos.

A temática estudada neste trabalho nos revela como alguns seres humanos viviam, cotidianamente, com muito pouco, além do desdém das autoridades da época com os moradores suburbanos, e foi isso que Carolina denunciou, criticou e plantou um pouco de esperança naqueles que passam pelas mesmas situações que ela e os moradores da favela do Canindé.

A representação da mulher na obra de Carolina de Jesus, representada, principalmente, pela luta da escritora para publicar suas narrativas, revela a dificuldade da mulher, sobretudo a mulher negra e pobre, de ocupar ou espaço de domínio masculino, principalmente por homens brancos e pertencentes à elite da época. Por causa disso, durante muito tempo as mulheres negras surgiam na literatura como personagens que ocupavam posições marginalizadas, serviçais e escravas dos seus senhores e senhoras.

Apesar dessas adversidades enfrentadas pelas escritoras negras, como Carolina Maria de Jesus, escrever passa a ser uma ferramenta capaz de romper barreiras, libertar pensamento e produzir diferentes formas de resistência, de luta e concretização de sonhos. Dito isso, compreendemos que a arte, especialmente a literatura, é capaz de quebrar os ciclos de violência e opressão a que são submetidas as mulheres negras e pobres neste país, ressaltando que esses ciclos se estendem também a outras mulheres, independente de cor e posição social.

Portanto, esperamos que este trabalho possa provocar curiosidade pela escrita de Carolina Maria de Jesus e traga uma contribuição social relevante, que é a de fazer refletir sobre os direitos das camadas menos favorecidas, cujos direitos são usurpados, diariamente, pela classe dominante representada pelo Estado e a elite brasileira. Além disso, é possível inferir que a narrativa da escritora mineira dá voz a muitas mulheres, que assim como ela, tiveram de enfrentar a discriminação, o preconceito, a miséria e a fome, mas que não fraquejaram diante dessas dificuldades e fizeram ecoar a força da mulher negra e pobre da favela brasileira. Com isso, Carolina de Jesus, através de suas palavras, nos permite ter acesso a uma realidade dura e tocante que precisa ser conhecida. Como leitores, é possível nos sentirmos sensibilizados por tamanho sofrimento e indignação expressados em palavras.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Aline Ricelli Gonçalves Andrade; SOUZA, Thalita Grazielle Pereira de. **O impacto da violência doméstica na vida da mulher que exerce o trabalho remoto em tempos de pandemia de COVID-19**. 2021. 18 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Direito) - Faculdade UNA, Contagem, MG, 2021. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/13938>. Acesso em: 9 ago. 2022.

ARAÚJO, Flávia Santos de. **Uma escrita em dupla face: a mulher negra em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo**. 2007. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2007. Disponível em: <https://livros01.livrosgratis.com.br/cp066710.pdf>. Acesso em: 22 set. 2022.

AZEVÊDO, Kalynne Thayanna Silva de. **Pobreza, marginalização e segregação socioespacial: uma visão teórica das periferias urbanas**. 2012. 28 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Geografia e Território: Planejamento Urbano, Rural e Ambiental) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, PB, 2012. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/1625>. Acesso em: 13 set. 2022.

FARIAS, Tom. **Carolina: uma biografia**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

FERNANDES, Valquíria Marques. **Uma análise da gestão do Fundo de Combate e Erradicação da Pobreza do Estado da Paraíba - FUNCEP - PB 2011-2014**. 2015. 66 f. Trabalho de conclusão de curso (Tecnólogo em Gestão Pública) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/1728?locale=pt_BR. Acesso em: 3 out. 2022.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica?. *In*: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (org.). **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais, 2006. p. 9-38.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

MAGNABOSCO, Maria Madalena. As Fronteiras da Palavra em Carolina Maria de Jesus. *In*: ARRUDA, Aline Alves; BARROCA, Iara Christina Silva; TOLENTINO, Luana; MARRECO, Maria Inês (org.). **Memorialismo e Resistência: Estudos sobre Carolina Maria de Jesus**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. p. 59-68.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Anos ou Danos Dourados? Modernização, Escrita Feminina, Diários Mineiros - Carolina Maria de Jesus e Maura Lopes Conceição. *In*: ARRUDA, Aline Alves; BARROCA, Iara Christina Silva; TOLENTINO, Luana; MARRECO, Maria Inês (org.). **Memorialismo e Resistência: Estudos sobre Carolina Maria de Jesus**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. p. 11-42.

NORONHA, Maressa Maelly Soares; PARRON, Stênio Ferreira. A evolução do conceito de família. **Pitágoras**, Nova Andradina, MS, v. 3, p. 1-21, 2012. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/novaandradina/exibe_edicao.php?id_edicao=152#. Acesso em: 21 set. 2022.

NUNES, Júlia. Empresário pede desculpas por vídeo em que negou marmitta a eleitora de Lula. **G1**: O portal de notícias da Globo, Itapetininga, 11 set. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/itapetininga-regiao/noticia/2022/09/11/empresario-pede-desculpas-por-video-em-que-negou-marmitta-a-eleitora-de-lula.ghtml>. Acesso em: 25 ago. 2022.

TELES, Risoneide Benicio. **O racismo e a desigualdade educacional**: uma abordagem na Paraíba. 2011. 35 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, PB, 2011. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/1231>. Acesso em: 3 out. 2022.

WLODARSKI, Regiane; CUNHA, Luiz Alexandre. Desigualdade social e pobreza como consequências do desenvolvimento da sociedade. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR: TECNOLOGIA E CIVILIZAÇÃO, 9., 2005, Ponta Grossa, Paraná. **Anais** [...]. Ponta Grossa, Paraná: [s. n.], 2005. p. 1-10. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais9/artigos.html>. Acesso em: 12 set. 2022.

ZOLIN, Lucia Osana. Pós-modernidade e literatura de autoria feminina no Brasil. *In*: CONGRESSO DE LEITURA NO BRASIL, 17., 2009, Campinas, SP. **Anais** [...]. Campinas, SP: UNICAMP; ALB, 2009. p. 1-8. Disponível em: https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/. Acesso em: 19 out. 2022.